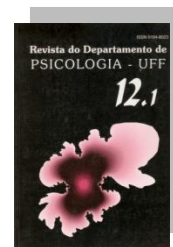


Pesquisa, Psicanálise e Universidade “Palavras-Chave” de um Método

Ana Cristina Figueiredo
Leticia Nobre
Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

REFERÊNCIA:

FIGUEIREDO, A. C., ET AL. PESQUISA, PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: “PALAVRAS-CHAVE” DE UM MÉTODO. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF, Rio de Janeiro*, Vol. 12, n. 1, pp. 35-42, 2000.

Trataremos de descrever com esse artigo os princípios introdutórios da formalização de um método de pesquisa clínica em psicanálise que vem sendo desenvolvido e aplicado no Instituto de Psiquiatria - IPUB/UFRJ. Apóia-se, tal método, em três palavras – pesquisa, psicanálise e universidade – que mais do que definí-lo vêm, na verdade, a funcionar como “chaves” que abrem às questões que de sua formalização e aplicabilidade se depreendem e que nos interessam com rigor examinar. Para tanto, retornemos, de início, à interrogação lançada por Freud em 1919 sobre a possibilidade do ensino da psicanálise na universidade. Tomando-a desde dois pontos de vista – o da psicanálise e o da universidade - Freud vem assim, com sua interrogação, não apenas estabelecer uma interlocução possível entre dois campos distintos do saber como também circunscrever o que há de específico em cada um deles. Ao final desse texto, conclui: *Em suma, cabe afirmar que somente a universidade pode beneficiar-se com a assimilação da psicanálise em seus planos de estudo. Naturalmente, seu ensino só poderá ter caráter dogmático-crítico, por meio de aulas teóricas, pois nunca, ou apenas em casos muito especiais, oferecerá a oportunidade de realizar experimentos ou demonstrações práticas.*¹

Vale aqui ressaltar, já que esse constitui-se exatamente como um dos pontos cruciais que atravessa nossa experiência enquanto analistas pesquisadores na universidade, como Freud faz recair sobre *a oportunidade de realizar experimentos ou demonstrações práticas*, o traço diferencial do ensino da psicanálise na universidade, reservando para tais casos o termo *muito especiais*.

Detenhamo-nos um pouco mais nesse ponto:

Certamente, *pesquisa* é um termo caro à universidade, já que sua prática recebe aí uma definição bastante precisa de seus parâmetros, tendo assim delimitado um campo próprio de eficácia e de ação. Houve época em que este campo era relativamente indefinido no universo acadêmico. Todo professor universitário tinha tarefas precisas de ensino e, além disso, era imprecisamente solicitado a pesquisar. Hoje em dia, em termos gerais, a prática da pesquisa na universidade encontra-se bem mais demarcada em seus meios e direcionada em seus objetivos. Tem em seus produtos e no volume de suas publicações, o referencial de avaliação e validação científicas que lhe conferem lugar de destaque na produção de conhecimento atual. Prosseguindo em examinar as possibilidades e os impasses do ensino e da pesquisa em psicanálise na universidade, deixaremos de lado, por enquanto, uma discussão mais ampla sobre as consequências deste tipo de orientação de pesquisa, dita “mais científica”, para os destinos não só da universidade como do saber, ou do conhecimento, que vem sendo produzido nesse universo.²

Explicitemos, então, algumas referências que nos parecem agora imprescindíveis no encaminhamento das questões que nos interessam aqui discutir:

_ A interrogação freudiana sobre a possibilidade da aproximação entre a psicanálise e a universidade institui uma zona fronteira entre o saber acadêmico e o saber psicanalítico, definindo práticas que se tocam sem se recobrirem por completo. A demanda à produção de saber que se instala sob o nome de amor é inerente à própria estrutura da transferência e, portanto, irá inevitavelmente requerer manejo por parte do analista. Isso nos permitirá observar que “manter-se analista” no universo acadêmico é tão árdua tarefa quanto em qualquer outra situação, mesmo que possamos traçar especificidades em cada uma delas.

Da mesma forma, não se pode definir externamente, e a priori o que seja um analista, apenas o que ele faz e ainda assim, somente pelo efeito de suas intervenções, no a posteriori de seu ato. Então, cabem as perguntas: basta que alguém receba um outro em seu consultório, converse com ele, podendo de tal situação até se extraírem efeitos terapêuticos, para ser considerado um analista? Sabemos que não. E ainda, seria, de fato, necessário que alguém tenha uma longa experiência clínica para realizar a psicanálise? Tanto Freud quanto Lacan nos deram inúmeros exemplos de como, ao menos no campo da arte e da literatura, é possível efetivar uma certa relação entre o saber, a verdade e o real em seu discurso que seja homóloga ao tipo de relação estabelecida entre tais termos no discurso analítico.

Certamente, o valor de tais observações reside no fato de que, através delas, nos será possível insistir na aproximação entre a psicanálise e a universidade instituída como interrogação por Freud, viabilizando ainda a formalização de um método de pesquisa que não defina a priori o que seja o fazer analítico no rigor de sua especificidade.

Ao tocarmos a questão do método de pesquisa em psicanálise, passemos, então, à segunda referência que também nos interessa explicitar, antes de introduzirmos os pressupostos e a descrição propriamente dita de tal método.

A afirmação freudiana de que *a psicanálise é uma notável combinação, pois compreende não só um método de investigação da neurose senão também um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta*³ serve-nos como eixo fundamental em torno do qual se concentram os pressupostos utilizados na formalização e na aplicabilidade de nosso método de pesquisa clínica em psicanálise. Vejamos porque. Afirmar que a psicanálise compreende não só um método de investigação senão também de tratamento, corresponde a dizer que a psicanálise não é feita nem só de investigação nem só de tratamento. De outro modo, que a psicanálise não se define apenas pelo exercício de investigação de conceitos, o que resultaria numa *hipertrofia da especulação*⁴ – termo também freudiano para tratar dessa inflação da dimensão investigativa de uma pesquisa – tampouco pela pura terapêutica, sem nenhuma formalização conceitual, o que nos reduziria aos equívocos de uma prática intuitiva e pouco rigorosa. Apropriarmos-nos de tal definição corresponde, ainda, a observar que há na psicanálise uma relação indissociável entre *investigação* e *tratamento* e que, portanto, a pesquisa em psicanálise se configura e se sustenta na produção de algum saber possível sobre as próprias sutilezas de tal relação. Vale também ressaltar que o estabelecimento de tal indissociabilidade entre os termos *investigação* e *tratamento* não pode ser pensado como uma superposição nem como uma pacífica harmonização entre eles. Pelo contrário, por mais que Freud tenha se referido a uma *notável combinação* entre *investigação* e *tratamento* para dizer do método analítico, importa-nos ressaltar que, de fato, o que ocorre na experiência é uma dissimetria, um não-encontro absoluto entre ambos os termos, já que a dimensão investigativa não dá conta de traduzir por completo o novo de cada experiência⁵. Sendo assim, como já assinalado anteriormente, o “manter-se analista” corresponde a manter-se nessa posição intervalar entre ambos os termos, tensão permanente que não permite o analista relaxar nem em seu estudo nem em sua escuta, já que é preciso estudar sem ser estudante, é preciso saber sem ser mestre e,

acima de tudo, é preciso abrir-se radicalmente à experiência do novo sem deixar de lado a formalização necessária de algum saber sobre a própria experiência.

_ Uma outra referência que se apresenta de modo bastante importante em nossas discussões trata de sustentar uma determinada relação entre o saber e o fazer de acordo com os significantes mestres da universidade, permanentemente interrogados pelos impasses e pelas novidades do particular clínico de cada caso conduzido pelo analista. Se, por um lado, os efeitos de verdade passíveis de serem produzidos a partir da aplicação do método de pesquisa só podem ser recolhidos por cada um no particular de sua experiência, por outro, as condições e as premissas para que tais efeitos possam ocorrer devem fazer parte da própria estrutura do método. Confirma-se, desse modo, uma das premissas fundamentais da psicanálise: o universal que regula sua prática de *investigação* e *tratamento* é não-absoluto, ainda que algo de uma universalização do saber deva ser obtido visando a transmissão. Tais considerações nos permitem afirmar que se nada nos garante a priori que um atendimento clínico é analítico em seus efeitos, também nada nos permite dizer que uma pesquisa que se desenvolve em interlocução com o universo acadêmico deixa, por isso, de ser regida pelos princípios mais rigorosamente analíticos.

Explicitadas nossas referências centrais de discussão do método em questão, passemos agora aos pressupostos que o fundamentam:

Não há distinção entre investigação e terapêutica

Reafirmando a direção apontada por Freud que descreve a psicanálise como um método de *tratamento* e também de *investigação*, partimos do pressuposto de que não há qualquer distinção metodológica a ser feita entre uma e outra dimensão em termos da pesquisa em psicanálise. Aqui, a metáfora muitas vezes utilizada no texto freudiano para dizer da prática analítica a partir do trabalho do cirurgião nos parece especialmente adequada. O cirurgião abre o ventre de um paciente e, neste abrir, descobre o mal que o aflige e a indicação terapêutica para a cura desse mal. Certamente, o saber que rege tais descobertas emerge como efeito de sua colocação em ato – ato de corte, ato de cura. Também na pesquisa, observa-se um saber prévio que orienta o trabalho do pesquisador; no entanto, é o saber do caso, no momento pontual de sua irrupção em ato, que vem a operar mudanças.

O “puramente objetivo” está fora do universo psicanalítico

A atualidade da afirmação freudiana nos faz reproduzi-la aqui: *Houve época em que se acusou a análise de não poder ser tomada a sério como terapia porque ela não se atrevia a apresentar uma estatística de seus resultados*⁶. Certamente, a exigência “científica” que rege uma pesquisa, encontra uma resposta bastante particular em termos da prática analítica. Afinal, qualquer dispositivo de medição de tal prática pode até tornar possível a constituição de um saber *sobre* a experiência, o que de modo algum equivalerá ao saber produzido como *efeito* dessa experiência. Sendo assim, gravar sessões de um tratamento pode até permitir criar uma teoria sobre o que seja a psicanálise sem reproduzir, no entanto, o ato mesmo em sua efetividade. Mais grave, sendo tal teoria tomada como a verdade da prática analítica, poderá ocorrer o próprio apagamento do saber que opera na singularidade de cada caso, passando esse a receber, então, uma formatação a priori, bastante geral e distorcida. Portanto, o que está para ser sustentado em termos do método analítico de pesquisa é a impossibilidade mesma de um acesso ao real que não esteja de algum modo mediado pela dimensão simbólica da linguagem, o que nos obriga eticamente a responsabilizarmo-nos pelos instrumentos utilizados em nossas investigações e

terapêuticas. Outrossim, qualquer tentativa de acessar a experiência de modo direto, através da objetivação do material empírico, apenas ilude o pesquisador inadvertido, capturado pela miragem de vir a dispor de um saber absoluto capaz de subjugar o real.

O “puramente subjetivo” também está fora do universo psicanalítico

Na sustentação de tal pressuposto, cabe assinalar que a noção de subjetividade, que orienta a formalização e a aplicação do método psicanalítico, de modo algum se confunde com as referências sócio-psicológicas que definem o sujeito das ciências humanas. Nesse ponto, a afirmação de Lacan esclarece: *Uma coisa é certa: se o sujeito está realmente ali, no âmago da diferença, qualquer referência humanista a ele torna-se supérflua, pois é esta que ele corta de imediato*⁷. Sendo assim, o sujeito em jogo na pesquisa é esse que, tanto em termos investigativos como terapêuticos, constitui-se como efeito de verdade na temporalidade do ato analítico. Efeito esse que porta por um lado, a abertura de toda experiência à dimensão do real, exigindo por outro, a produção de um saber que de algum modo a inscreva em termos simbólicos. Outrossim, correríamos o risco de conduzir nosso método na direção de um misticismo nefasto à própria psicanálise ou torná-lo um inadequado instrumento de medição do comportamento humano.

Passemos agora a descrever o método tal como ele vem sendo formalizado e aplicado em nosso campo de trabalho:

1- A equipe de pesquisa é formada por analistas que assim se autorizam em suas práticas e veiculam, cada qual com um projeto particular, os significantes da psicanálise na universidade. Certamente, o fato dos analistas se reunirem em torno de uma mesma orientação conceitual facilita a interlocução na equipe, não sendo essa, no entanto, uma condição necessária para o bom funcionamento do método.

2- Cada analista, na particularidade de seu interesse e de seu estilo, traz à equipe algo que de sua clínica lhe faça questão. Esse material deverá ser apresentado na forma de um texto inicial que exprimirá o recorte do caso feito pelo analista. Tal recorte servirá de eixo condutor para a discussão de toda a equipe. As discussões são gravadas e, ao final de sua apresentação, o analista tem por tarefa utilizar-se desse material para escrever um novo texto que fixe, no caso, os efeitos da discussão então realizada.

3- O funcionamento do método se dá, então, em dois tempos: no primeiro, a discussão é produzida e gravada a partir do relato do analista; no segundo, ocorre a apresentação de um novo texto já atravessado pelos efeitos da discussão.

Favorecendo o diálogo entre os dois escritos, registra-se o resultado do encontro de uma concepção do caso com um saber coletivo. Acreditamos dispor, desse modo, de uma maneira suficientemente precisa de avaliar os efeitos então produzidos. Além disso, torna-se também possível a constituição de um *corpus* de dados que servirá à transmissão dos operadores conceituais da psicanálise. Sendo que, tais operadores deverão ser recolhidos por cada analista no particular de sua pesquisa.

Para concluir, descreveremos a seguir alguns efeitos que vêm sendo recolhidos na experiência, a partir da aplicação do método tal como hoje se configura:

- História e Caso:

Vem se produzindo em nossas discussões uma interessante distinção entre esses dois termos. O relato clínico que se apresenta rico em detalhes, cenas e conteúdos é a história. O caso é produto do que se extrai das intervenções do analista na condução do

tratamento e do que é decantado de seu relato. Portanto, a história pode ser fatigante se muito detalhada e o caso será morto se tornar-se apenas uma fórmula. Estabelece-se aí um binômio que retoma, então, a idéia de uma formalização necessária do relato que não se reduz a uma teorização formal nem a uma elaboração de saber sobre os problemas do paciente. Pelo contrário, trata-se sim da colocação em jogo do ato analítico e dos efeitos que daí advenham. Só assim será possível recolher dos infindáveis detalhes de uma história, a direção de um caso. Enfim, é preciso que uma história se faça caso para que se possa trabalhar em psicanálise.

- Construção e Supervisão:

Acreditamos que as discussões que sustentam o funcionamento de nosso método remetem mais a um trabalho de construção do que de supervisão, ainda que no seu desenrolar tangenciem a experiência de supervisão. No entanto, diferem tanto do modelo do aprendiz/aluno, já que não se trata de chegarmos à última palavra sobre qualquer conceito ou fenômeno, quanto do praticante e, mesmo, de uma supervisão em grupo (inter-contrôle). Ao contrário da supervisão, a discussão não se encerra ao término da sessão, ela continua e remete-se ao pesquisador. Num primeiro tempo, ocorre um retorno sobre o pesquisador em sua condição de sujeito (até aí não difere exatamente da supervisão). Num segundo tempo, trata-se da reapropriação do saber pelo analista na condição de pesquisador. Finalmente, este saber que é depositado é um produto. Este produto é o ponto de basta feito pelo pesquisador na condição de analista. O entrelaçamento das funções de sujeito, pesquisador, analista rompe qualquer fixidez de posição diante do saber. Portanto, sustentamos a construção —e não a super-visão— manejando os impasses que atravessam o cotidiano de nossa prática, apostando na formalização possível de seus princípios.

- A Gravação de uma Perda:

As fitas são, por um lado, uma extensão de memória. Elas colocam todos sob júdice, pois tudo o que se disse, uma vez registrado, pode ser confrontado com o Outro do saber, nos livros, por exemplo. Por outro lado, verificamos efeitos surpreendentes em sua audição. O gravador tende a estabelecer uma divisão em qualquer um que ouça sua própria voz e o mesmo têm se passado na aplicação de nosso método. Não se trata assim apenas de recordar com exatidão o que se disse, mas de verificar efeitos novos, na escuta da discussão. O analista tende a se ver do lugar do Outro, o que, por vezes, desvela sua posição de sujeito, ou sua resistência, na condução do tratamento.

- Distinções e Conceitos:

Os conceitos fundamentais da psicanálise são postos em questão a cada passo. Constatamos que não tem sido necessário definir exatamente o que eles significam nem a que evento correspondem em cada caso para que se obtenha o resultado esperado: a produção de um novo texto. Por outro lado, percebemos que é fundamental estabelecer algumas distinções sem as quais não há condução possível do caso. Por exemplo, em uma ocasião, delimitamos a importância de um enunciado como “eu não a quero mais, quero outra”. Tal enunciado pode ser tomado como uma apresentação do sujeito do inconsciente, rompendo com os hábitos do eu, sempre cordato e submetido a sua esposa, repetindo-se em “eu a quero mais que as outras”. Outro argumento seria que todo enunciado já está no campo do eu, pois o sujeito é sempre intervalar e evanescente. Mais do que definir se esse enunciado está no campo do eu ou do sujeito, trata-se de perceber que o fundamental é

distinguir dois enunciados que correspondem a duas posições: “eu não a quero mais, quero outra”, irrompe a partir de algo que insistia, até então silenciosamente. Enquanto que “eu a quero mais que as outras” é algo que permanece resistindo, agora explicitamente, estabelecendo os caminhos habituais do sujeito.

A psicanálise não é o efeito de um saber do Outro sobre uma história e sim, o feliz encontro entre as ferramentas conceituais do analista – pulsão e objeto, por exemplo – e as contingências de uma história, produzindo um caso e, no melhor dos casos, um novo sujeito. Buscamos, assim, estar próximos da possibilidade de constituir enunciados positivos sobre este saber propriamente psicanalítico, singular e inventado a cada nova situação. Parodiando uma fala de Mefistófeles no Fausto de Goethe, diríamos: *Colorida é toda teoria, caro amigo, e eternamente incolor é a verde árvore da vida*⁸.

1- Título em Português

Pesquisa, Psicanálise e Universidade
“Palavras-Chave” de um Método

2- Título Abreviado

Pesquisa, Psicanálise e Universidade

3- Autores

Ana Cristina Figueiredo – Psicanalista. Doutora em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental do IPUB. Diretora de Ensino do Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica do IPUB.

Letícia Nobre – Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/RJ. Pesquisadora Recém-Doutora do CNPQ. Professora do Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica do IPUB.

Marcus André Vieira – Psicanalista. Doutor em Psicanálise pela Universidade Paris VIII. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental do IPUB. Coordenador do Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica do IPUB.

4- Endereço para Correspondência

Ana Cristina Figueiredo – Rua Smith de Vasconcelos 55/101 – Laranjeiras
 e-mail: anafigueiredo@openlink.com.br
 tel: 205-7663

5- Resumo

Este artigo apresenta algumas referências que fundamentam a pesquisa clínica em psicanálise. Inicialmente, problematiza os termos “pesquisa”, “psicanálise” e “universidade” para situar a discussão. Em seguida destaca os fundamentos do método: não há distinção entre investigação e terapêutica; o ‘puramente objetivo’ assim como o ‘puramente subjetivo’ estão fora do universo psicanalítico. Para concluir, apresenta os binômios que funcionam como operadores do método – história-caso; construção-supervisão; distinções-conceitos; e ainda, aborda a função *sui generis* do registro do gravador como o de uma perda. O método rompe com a antiga distinção teoria-experiência articulando-as ao ato e à construção em psicanálise.

6- Palavras-Chave

Pesquisa / Psicanálise / Universidade

7- Título em Inglês

Research, Psychoanalysis and University
“Keywords” of a Method

8- Abstract

This article presents some references which are the basis for clinical research in psychoanalysis. Firstly it debates the terms “research”, “psychoanalysis” and “university” to set the ground for the discussion. Next it puts forward the foundations of the method: there is no distinction between investigation and therapy; the ‘purely objective’ as well as the ‘purely subjective’ don’t belong to the universe of psychoanalysis. In the end, it presents the binomials which operate the method: history-case; construction-supervision; distinctions-concepts; and also approaches the peculiar recording function of the tape-recorder as one of a loss. The method breaks up with the old distinction between theory and experience articulating them with the act and the construction in psychoanalysis.

9- Keywords

Research / Psychoanalysis / University

NOTAS

¹ Cf. FREUD,S. *Debe enseñarse el psicoanálisis en la universidad?* (1919[1918]), Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1994, Vol.XVII – p.171. Tradução dos autores.

² Questões sobre a diferenciação entre o saber sobre a psicanálise e o saber psicanalítico produzidos na universidade encontram-se mais detalhadamente discutidas em FIGUEIREDO, A.C. e VIEIRA, M.A. “A Supervisão: do Saber sobre a Psicanálise ao Saber Psicanalítico” em *Cadernos do IPUB*, n.9, 1997, pp.87-95.

³ Cf. FREUD,S. *Sobre el Psicoanálisis* (1913) AE/XII-p.211.

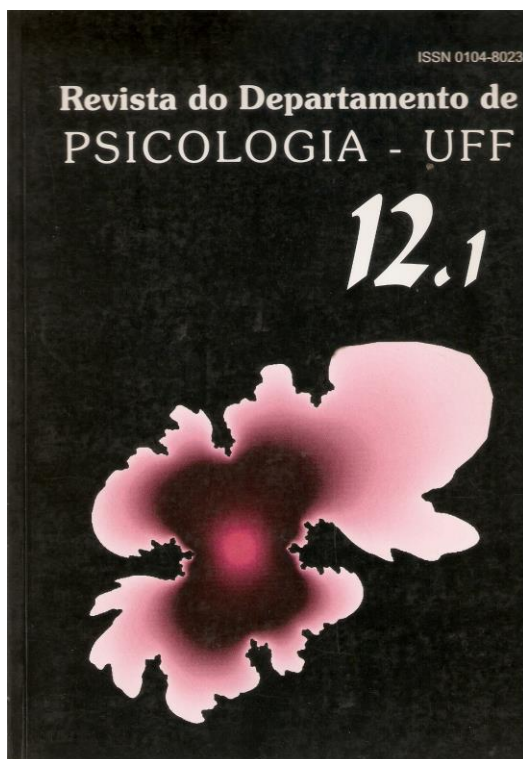
⁴ Cf. FREUD,S. *Conferencia 34 – Esclarecimientos, Aplicaciones, Orientaciones* (1933[1932]) AE/XXII – p.140.

⁵ Tal dissimetria que conduz a pesquisa em psicanálise entre a experiência e a dimensão investigativa encontra-se melhor explicitada em NOBRE,L. “Sobre o Ato de Pesquisar em Psicanálise: Algumas Considerações” em *Ágora*, UFRJ, v.II n.2, jul/dez.1999, pp.37-42.

⁶ Cf. FREUD,S. *Conferência 34 – Esclarecimientos, Aplicaciones, Orientaciones* (1933[1932]) AE/XXII, p.141.

⁷ Cf. LACAN, J. “A ciência e a verdade” (1965) em *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, pp.869-892.

⁸ FREUD,S. A frase original é: *Cinza é toda teoria, caro amigo, e eternamente verde é a árvore da vida*, citada por Freud em nota referindo-se à antiga oposição teoria-experiência. Cf. *Neurosis y Psicosis* (1924[1923]) AE XIX – p.155.



Revista do Departamento de Psicologia - UFF, Vol 1 Nº 1 - 1989
 Niterói, RJ, Departamento de Psicologia da UFF, 2000.
 Vol. 12, Nº 1 - Quadrimestral
 ISSN 0104-8023
 1. Psicologia I. Universidade Federal Fluminense
 CDD 150.5
 CDV 159.9 (051)

Rev. Dep. Psicol. - UFF / ISSN 0104-8023
 Vol. 12, Nº 1, p. 09-89, JAN/ABR 2000
 Periodicidade: Quadrimestral

Editor Responsável
 Sílvia Helena Tedesco

Comissão Editorial
 Francisco de Assis Palharini
 Marcia Moraes

Conselho Editorial
 Cecília M. Bouças Coimbra - UFF
 Eduardo Passos - UFF
 Ester Arantes - PUC/RJ
 Flávio Lemos de Souza - UFF
 Maurício Manguelira - UFSe
 Robert Castel - EHESP/Paris
 Ronald Arendt - UERJ
 Sílvia de Mello Lesser - USP
 Sueli Rolnik - PUC/SP
 Teresa Cristina O. Carreleiro - UFF

Indexador
 Libras

Financiamento
 Pró-Reitoria de Planejamento - UFF

Projeto Gráfico
 Alex & Ivana Greis Estúdio

Revisão, Diagramação e Capa
 Angela Soledade Lima

SUMÁRIO

SUMMARY

| | |
|--|--|
| Estilo-Subjetividade: relações entre repetição e diferença na linguagem STYLE-SUBJECTIVITY: RELATIONSHIP BETWEEN REPETITION AND DIFFERENCE IN LANGUAGE <i>Sílvia Tedesco</i>09 (Universidade Federal Fluminense/UFF) | |
| Foucault e as Instituições Contemporâneas: uma leitura a partir de uma perspectiva institucional FOUCAULT AND THE CONTEMPORANEOUS INSTITUTIONS: A VIEW THROUGH AN INSTITUTIONAL PERSPECTIVE <i>Rogério Lustosa Bastos</i>19 (Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF) | |
| Notas sobre Denegação e Sublimação NOTES ABOUT NEGATION AND SUBLIMATION <i>Maria Lídia Alencar</i>31 (Universidade Federal Fluminense/UFF) | |
| Pesquisa, Psicanálise e Universidade. "Palavras-chave" de um Método. RESEARCH, PSYCHOANALYSIS AND UNIVERSITY. "KEY-WORDS" OF A METHOD <i>Ana Cristina Figueiredo</i> (Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ) <i>Letícia Nobre</i> (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC/RJ) <i>Marcus André Vieira</i>35 (Université Paris VIII) | |